

## PROCESSOS MIDIÁTICOS, MEDIAÇÕES E AS RESSIGNIFICAÇÕES DA TÉCNICA

Leila Sousa<sup>1</sup>

### Resumo:

Neste texto, realizamos articulações teóricas para discutir sobre a constituição dos processos midiáticos através das relações e atravessamentos entre a comunicação, a técnica e as mediações. O primeiro ponto destina-se a reflexões introdutórias sobre os processos midiáticos e interpenetrações entre a técnica a cultura e o social. O segundo ponto discute relações entre a comunicação e a técnica acionando efeitos das mediações e da reconfiguração de narrativas e de processos pelos atores sociais. O terceiro ponto problematiza como os processos de leitura, interpretação e apropriações diversas e diferenciadas que os atores sociais fazem dos mecanismos midiáticos, pode possibilitar ressignificações técnicas.

**Palavras-chave:** Processos midiáticos; Mediações; Mídiação; Técnica.

### Abstract:

In this text, we carry out theoretical articulations to discuss the constitution of media processes through the relationships and crossings between communication, technique and mediations. The first point is intended for introductory reflections on media processes and interpenetrations between technique, culture and social. The second point discusses relations between communication and technique triggering effects of mediations and the reconfiguration of narratives and processes by social actors. The third point, to problematize how the processes of reading, interpretation and diverse and differentiated appropriations that social actors make of the media mechanisms, can enable technical resignifications.

**Keywords:** Mediatic processes; Mediations; Miatization; Technique.

### As imbricações dos processos midiáticos: reflexões introdutórias sobre a técnica, a cultura e o social

Neste texto, discutimos sobre a constituição dos processos midiáticos através das relações e atravessamentos entre a comunicação, a técnica e as mediações. Num primeiro momento, tecemos reflexões introdutórias sobre interconexões entre a técnica a cultura e o social, refletindo sobre como os processos midiáticos atravessam e são atravessados por essas instâncias. Num segundo momento, as relações e atravessamentos entre a comunicação e a técnica são problematizados junto às mediações e os papéis dos atores sociais reconfigurando processos. O terceiro ponto, que dialoga com os dois primeiros e traz reflexões breves, que não se propõem conclusivas, mas que demarcam o fechamento deste texto, trata sobre os processos midiáticos, as mediações e as ressignificações da

---

<sup>1</sup> Professora Assistente nível inicial da classe B da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, em regime de Dedicção Exclusiva. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Email: leilasousa.pi@gmail.com

técnica, possibilitadas pelo processo de leitura, interpretação e apropriações diversas e diferenciadas que os atores sociais fazem dos mecanismos midiáticos.

Os processos midiáticos possibilitam contato e vínculo com o outro, o social, e o fazem através da linguagem, da cultura e da tecnologia, que são elementos que atravessam tais processos possibilitando referências, existências e experiências. Somos permeados e atravessados pela técnica que traz novas formas de organização social e novos modos de experimentar processos de outras organizações: os modos como a técnica e a tecnologia ressignificam nosso contato com o saber, com a experiência, com as sociabilidades e com a construção do conhecimento, como é destacado nas análises de Sodré (2013), Silverstone (2005) e Gomes (2017).

Num movimento tentativo de observar a configuração dos processos midiáticos percorremos contextos fundamentais que destacam as inter-relações entre os atores sociais, as estratégias das mídias ao oferecer referências a esses atores sociais e as operações suscitadoras de experiência, que perpassam o contato com os meios de comunicação e os diferentes usos, apropriações, contatos e significados atribuídos à técnica. A mídia passa a ser observada diante do seu caráter processual como algo que possibilita travessias entre outros espaços. (SILVERSTONE, 2005; SODRÉ, 2013; GOMES, 2017).

A necessária observação dos imbricamentos entre a técnica, o social, a cultura e a política revelam que os processos midiáticos são sistemas complexos. Atravessam a técnica, os dispositivos de comunicação, e seguem adiante, gerando mudanças nas estruturas sociais para além de controles (FAUSTO NETO, 2017).

Ampliando o olhar sobre a técnica para além de instrumentos, mas como algo que tensiona e atravessa a cultura, a política e o mercado, podemos problematizá-la como um dos fatores que trazem dinâmica ao social e para a organização de grupos criando sistemas complexos, capazes de alterar a linguagem e as noções de temporalidade, conforme aduz Miège (2009). A técnica também pode possibilitar novos protagonismos, novas agregações dos atores sociais, novas formas de ocupação (MARTÍN-BARBERO, 2004; BITTENCOURT, 2016; FERREIRA, 2017).

Muito além de tomar a técnica sob um prisma determinista, as proposições e observações de Martín-Barbero (2004) e Virillo (1989), por exemplo, nos permitem refletir sobre a necessidade de compreender a razão da técnica, sua episteme.

Para entender usos de instrumentos técnicos também precisamos verificar as condições de produção de referência dos atores sociais e quais usos são feitos das

gramáticas de acesso disponíveis, se os atores sociais têm capacidade de interpretá-las e, até mesmo, de contrapô-las ou de criar novas gramáticas. Há que se observar, por exemplo, as diferenças entre acesso e manejo e também como se estabelecem as gramáticas do meio e as gramáticas desenvolvidas pelos atores sociais carregadas de referências particulares, das leituras próprias de mundo. A técnica, desse modo, é analisada como um lugar de potencialidade, no qual os processos humanos dão a ela um destino. Há, nessa relação, acreditamos, movimentos de convergência e de divergência, fraturas, rupturas e continuidades, que dão sentido aos espaços de diferença na comunicação (FAUSTO NETO, 2017).

Um importante desafio epistemológico que se impõe para as investigações em Comunicação, portanto, discorre sobre a necessidade de compreender os processos midiáticos e de midiaticização e os seus atravessamentos técnico-tecnológicos, de referentes culturais e de lógicas de cidadania. Compreender tais processos requer um olhar atento para os atravessamentos dos meios de comunicação, das instituições e do papel dos atores sociais criando e ressignificando lógicas comunicacionais e midiáticas (BONIN, 2013).

Compreender os atravessamentos da técnica e das tecnologias midiáticas e de comunicação requer reflexões sobre as sensibilidades, as transformações no modo e nas condições de conhecimento e nas apropriações dos meios de comunicação que se encontram à disposição dos atores sociais. Em primeiro lugar, é preciso problematizar que a absorção do conteúdo dos meios de comunicação acontece de maneira não-linear e decorre das relações estabelecidas entre os atores sociais e os seus referentes simbólicos. Os atores sociais modelam suas percepções dos meios de comunicação através do cognitivo, do contato com a técnica e também com o social. (MARTÍN-BARBERO, 2008).

Martín-Barbero (2000) entende que entre a narrativa dos meios de comunicação e os atores sociais há um espaço que se constitui de crenças, de visões, de particulares e de dimensões culturais coletivas que muito revelam sobre o modo como os atores sociais irão se relacionar com os meios. É imperativo perceber que as novas tecnologias resultam não somente em novos aparelhos, mas, sobretudo, em novas formas de linguagem, novas sensibilidades e novas formas de percepção.

Esses atravessamentos tecnológicos que modificam ações cotidianas produzem deslocamentos no conceito de cultura, de modo que o autor ajuda a interpretar que a tecnologia deve ser observada no singular e as culturas, no plural, delineando os diferentes fluxos culturais e as diversas temporalidades e espacialidades que compõem a contemporaneidade. (MARTÍN-BARBERO, 2017).

Para além dos usos dos meios de comunicação de modo instrumental pelo sistema educacional, o autor supracitado (2000, p. 158) propõe “usar as tecnologias para as pessoas”. Perceber as inventividades dos atores sociais e problematizar a tecnologia dentro de uma lógica educacional que permita propor novas formas de comunicar. É dessa forma que as novas tecnologias e a técnica abrem espaço para expor as lutas dos atores sociais pela comunicação e pela valorização de igualdades e diferenças culturais, possibilitando o exercício da cidadania. (MARTÍN-BARBERO, 2000).

### **Relações e atravessamentos entre a comunicação, a técnica, as mediações e os atores sociais**

Perceber os processos midiáticos na contemporaneidade também requer problematizar a participação dos atores sociais na narrativa das mídias. Os discursos analíticos das narrativas midiáticas, postos em circulação social, não são atividades novas, mas tornaram-se mais visíveis através da internet, por meio dos processos de digitalização e dos múltiplos canais possibilitados para a participação do público e também pelo fluxo de comunicação em tempo real (FAUSTO NETO, 2017).

É preciso observar as alterações sofridas pelos processos midiáticos com a ressignificação das mediações, sobretudo a partir de um contato mais intenso com a técnica e a descentralidade da mídia como mediadora, algo que é problematizado e destacado nos estudos de Martín-Barbero (2004; 2013).

Nesse sentido, García-Canclini (2005) aborda os efeitos da conectividade nos sentidos da midiatização. A interconectividade e os diferentes usos da técnica alteram esses sentidos. Os meios de comunicação tradicionais desvelam um contato mais distante, frio e afastado em relação ao público, já a interconectividade coloca em discussão a proximidade e a simultaneidade.

Acreditamos que tal perspectiva tem feito com que os meios de comunicação tradicionais estejam cada vez mais migrando e alterando suas narrativas e linguagens, especialmente partindo para um outro espaço, o do digital, de modo a dialogar com essa realidade. É assim, por exemplo, que o telejornal tradicional finaliza seu episódio cotidiano, mas continua na web, com matérias *on demand* - onde a navegação é livre e o usuário pode ir direto no conteúdo que mais o interessa, com entrevistas com especialistas que respondem em tempo real aos questionamentos dos internautas e também quando

fazem uso de materiais produzidos pelos atores sociais, com exibição de vídeos amadores ou fotografias enviadas pelos cidadãos para a emissora sobre determinada temática cotidiana.

É assim que Braga (2006) propõe um “sistema de resposta social”, um terceiro sistema envolto no processo de midiaticização geral, em que a sociedade cria dispositivos para colocar em circulação e análise os produtos midiáticos. Essa atividade de circulação sobre a atividade midiática, gera, segundo o autor, mudanças de práticas a longo prazo. O processo de circulação resulta de contratos feitos e desfeitos pelos atores sociais frente ao que recebem da narrativa dos meios, como problematiza Braga (2012):

A partir dessas percepções sucessivas no entendimento de “circulação”, mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela). (BRAGA, 2012, p. 39).

Dessa forma, os meios de comunicação desenvolvem sua realidade de maneira autônoma, mas necessitam da validação do “outro”, o receptor/usuário. Dessa maneira, a realidade midiática estabelece uma relação de contato com o público através da *produção de referências*: mediações que entram em circulação junto aos outros referentes sociais, que também assumem a capacidade de gerar agenda, a circulação é um processo outro, não é nem produção, nem recepção (FAUSTO NETO, 2017):

a circulação vai além de uma “zona de passagem”, sendo o lugar de acoplamentos de dois conjuntos de relações - produção/reconhecimento - que são colocados em contato segundo manifestações de feedbacks complexos, como possibilidade de acesso às regras de materialização dos sentidos. Lugar de produção e de trânsito de discursos, onde sentidos são ao mesmo tempo engendrados e disputados, ele é fonte de complexidade ao explicitar atravessamentos de lógicas diversas, sejam aquelas que apontam para regulações, mas também de potencialização de sentidos (FAUSTO NETO, 2018, p. 23-24).

Nesse sentido, podemos dizer que a realidade midiática também está em constante processo de modificação, baseando-se num construtivismo que rege o trabalho de observação, de operação e de contato social (LUHMANN, 2005; BRAGA, 2006).

Acreditamos que esse “sistema de resposta social” (BRAGA, 2006) está presente e ganha novas ressignificações na narrativa midiática contemporânea, a partir das

ressignificações e usos diversos da técnica por parte dos atores sociais. É um processo cíclico, de modo que a mídia reformula produtos de acordo com a resposta do público, em luta pela audiência.

Esse “sistema de resposta social” (BRAGA, 2006), pensado no contexto de midiaticização, direciona a problematizar os efeitos da digitalização, por exemplo, acarretando novas dimensões da midiaticização. Os processos de digitalização nos permitem perceber, conforme aponta Bonin (2018, p. 69), que eles são complexos e acarretam um “embaralhamento das instâncias comunicacionais”, com novos modos pelos quais os atores sociais se vinculam a esses processos e também pela possibilidade de produção de narrativas comunicacionais.

A autora defende a ideia de que é preciso compreender os processos comunicacionais digitais como multidimensionais, levando em conta os contextos históricos, sociais e políticos em que estão inseridos e que tais perspectivas dialogam de modo diferenciado nos contextos macro e micro, globais e locais.

A digitalização segundo Bonin (2018) seria “um processo em expansão” (p.70), que atua de maneira diferente nas realidades dos atores sociais. Dessa forma, aduz que devem ser observados os contatos e vínculos com a mídia de modo geral e com as mídias digitais em âmbito particular, resultando em “ethos”, “habitus” e “competências” diferenciadas (BONIN, 2018, p. 70).

Assim, é preciso também complexificar os processos de produção midiática pelos atores sociais nessa nova ambiência percebendo que eles estão sustentados em diretrizes que são contraditórias. De um lado podem ocorrer conformações e reproduções à ordem social, ao tempo em que também há espaços para reinvenções e resistências por parte dos atores sociais. Carlón (2012) chama a atenção para o necessário cuidado de observar que nesse novo ecossistema, o digital, é apenas um aspecto a se considerar, responsável por dar vida ao processo de digitalização e ao novo que surge dessas complexas relações de manejo, de acesso, de construções e de produções discursivas.

A reflexão sobre o “sistema de resposta social” desenvolvida por Braga (2006) nos permite observar, ainda, que o sistema não é abstrato e que segue formas próprias de funcionamento. No caso específico dos estudos do autor, as análises detiveram-se a movimentos críticos especializados, como por exemplo, o *observatório da imprensa*.

No entanto, junto a isso, destacamos também a necessidade de análise de outras vozes, tais como de coletivos organizados em redes sociais, por exemplo, para problematizar em que medida tais grupos têm se articulado para observar criticamente a

narrativa midiática. Quais estratégias e canais utilizam? Muitas vezes os dispositivos de resposta requerem entrar em contato com os canais ofertados pelos meios de comunicação. Nesse caso nos questionamos sobre os filtros e sobre até que ponto essa circulação seria livre, já que fazer usos de alguns dispositivos de resposta, como por exemplo, grupos em redes sociais, requer letramento e gramáticas de uso específicas.

Dependendo de coletivos mais fechados, também certa homogeneização de vozes, posturas e pensamentos. Decerto que as reivindicações por visibilidade, transparência e exercício de vozes tiveram um avanço significativo, mas até que ponto essas reivindicações em escala menor têm efetivamente alterado a narrativa dos meios de comunicação, são pistas que precisam ser tensionadas e problematizadas, inclusive se efetivamente estão sendo desenvolvidos esforços crítico-reflexivos sobre a mídia nesses espaços.

No entanto, ao tempo em que a rede técnica traz uma nova dinâmica de produção e de participação em conteúdos pelos atores sociais, se faz necessário problematizar sobre o “domínio efetivo de competências tecnológicas” (BONIN, 2016, p. 215).

1. A rede é um espaço de múltiplas temporalidades e atravessamentos, mas até que ponto os atores sociais que lá transitam dominam o uso das técnicas? A centralidade técnica que nos reportamos acima não significa também um espaço de exclusão e de contradição? Acreditamos que, não possuindo o domínio técnico da rede, por exemplo, os atores sociais continuam sendo silenciados em suas demandas ou podem não as ter atendidas por não saberem em quais canais se manifestar.

2. A centralidade técnica/tecnológica também pode ser um perigo por silenciar ou perder de vista os processos e os movimentos analógicos que se constituem como fundamentais para os atores sociais. Dessa maneira, podem ser levados pelos argumentos gerais do grupo do qual fazem parte sem possibilidades de confrontação, de problematização e de renovação de ideias e de argumentos, tão necessários quando se luta pelo exercício da cidadania.

Importa ressaltar que não pensamos a importância do domínio técnico através de um letramento técnico. Se observarmos as particularidades de apropriação das mídias pelos atores sociais, torna-se fundamental não verificar a rede técnica como um espaço homogêneo.

3. Os atores sociais precisam do domínio para estabelecerem melhores trocas comunicacionais, mas devem ser resistentes ao letramento que pode produzir atores sociais engessados, não-reflexivos e problematizadores.

Ao observar a sociedade como co-participante das novas mídias desenvolvendo



outros dispositivos de comunicação, faz-se necessário também perceber a emergência de novos fluxos e ambiências, de modo que há uma passagem da atividade comunicacional das estruturas aos processos, como é defendido por Braga (2006).

Diante da premissa de passar das estruturas aos processos, o social e os meios de comunicação, situados em processos complexos e não determinados, devem ser verificados como envoltos em múltiplas dinâmicas e atividades processuais (FAUSTO NETO, 2017). Movimentos que acontecem de maneira sequencial e que se conjugam, imbricam e se separam, assim não há como ter respostas conclusivas e fechadas nas interpelações estabelecidas entre atores sociais e as mídias.

Dessa forma, entendemos que as respostas sociais, a dinamicidade de construção de narrativas, as falas e as expectativas geradas pelo processo de comunicação, reconfiguram as mediações, criam processos que vão sendo moldados à medida que a técnica entra em contato com o social e que ambos se reatualizam e se ressignificam. As mediações, segundo Ollivier (2008), funcionam como uma “tradução” que deveria chegar ao público através de um conhecimento especializado. O autor problematiza que as mediações jornalísticas deveriam estar focadas em trazer temas sobre a situação social do país para a reflexão dos atores sociais, assuntos que pudessem causar debates e também a busca pela emancipação.

A técnica passa então a ser interpretada e problematizada como um instrumento de comunicação. Segundo Tomás Maldonado (2017), a técnica acompanha mudanças sociais e a produção do conhecimento. Diante da multiplicidade da técnica, os tecnicismos e a tecnocultura podem se constituir em aspectos centrais da cultura. (MALDONADO, 2007).

Dessa maneira, partindo da compreensão que as técnicas e a tecnologia são atravessamentos sociais fundamentais, é possível questionar quais técnicas comunicacionais penetram essas tecnologias e quais usos, apropriações e ressignificações os atores sociais fazem delas.

A tecnologia, de acordo com Martín-Barbero (2013), é uma forma de apropriação da cultura. É necessário, pois, pensar nos meios de comunicação como muito além de instrumentos, mas como partes da constituição humana e social, geradores de transformação e de novas formas de agregação dos atores sociais.

É válido destacar que as experiências dos atores sociais também conformam os processos de comunicação trazendo novas leituras de mundo e das mediações, ressignificando processos midiáticos e de midiatização. Esses novos dispositivos midiáticos e os ambientes eletrônicos ocasionaram a crise e a reconfiguração das mídias, algo que



também pode-se observar na fragmentação da esfera pública e nos novos significados atribuídos ao público e ao privado (RODRIGES; BRAGA, 2015; CARLÓN, 2015).

Verificar os atravessamentos de contexto e da organização social pela técnica e pelas tecnologias e vice-versa requer também apoiar-nos na interdisciplinaridade para que não tenhamos visões fechadas ou reducionistas sobre os processos.

O cotidiano dos atores sociais é alterado por instrumentos técnicos que são além de suportes. Importante compreender que as apropriações digitais são também definidas pela vivência *off-line*, como é proposto por Bonin (2016, p. 218).

Os atores sociais que transitam nesse espaço estão expostos a realidades híbridas, que se interpenetram, hora num espaço físico concreto, hora num espaço simbólico, ambos representativos e singulares: “os atores sociais que se apropriam da internet são situados em multicontextos” (CASTELLS, 2013, p. 131). Como exemplo desse entendimento, nos reportamos aos movimentos *Occupy* realizados nos Estados Unidos e na Espanha, citados por Castells (2013). Para que as manifestações fossem articuladas e ganhassem coro e representatividade, foi necessário pensar os espaços como imbricados - *on* e *off-line* e, junto a eles, o “*espaço de fluxo na internet*” (CASTELLS, 2013, p. 131), ambos se complementavam e se fortaleciam, resultando num espaço híbrido que se tornou a principal característica do movimento.

No caso brasileiro, as jornadas de julho de 2013 permitiram também analisar o papel das mídias sociais como espaços de participação, de mobilização e de agregação dos atores sociais, que puderam funcionar, como destaca Hopenhayn (2013, p. 06), como possibilidades de “recriar formas de cidadania”.

Esses espaços, para o autor citado acima, podem se tornar eixos de participação e mobilização cidadã, o que permite refletir sobre formas diversas de apropriações da técnica e das tecnologias para fins específicos. Junto às novas formas de fazer política e de pensar em performances, há que se destacar e refletir muito além dos que creem na rede apenas como um espaço que possibilita inventividades, o contato com o novo e com a conectividade em tempo real e a ressignificação de antigos hábitos. (HOPENHAYN, 2013).

A rede é também um ambiente de exclusão, de vigilância, de disputas de poder assimétricas e de controles invisíveis. Assim como também ambiente para reprodução de discursos conservadores, e para a legitimação do consumo e das lógicas de mercado (ABÉLLÈS, 2013; BRAGA E RODRIGUES, 2015, HOPENHAYN, 2013; BONIN, 2018).

Por raciocínio complementar, se abordamos a circulação nessa visada

abrangente, decorre daí que o produto mediático não é o ponto de partida no fluxo. Pode muito bem ser visto como um ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” - e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação. (BRAGA, 2012, p. 41).

O sistema de resposta social, hoje, portanto, precisa também ser compreendido dentro de uma lógica de “circulação hipermediática” (CARLÓN, 2018). Diante de lógicas de midiatização que são complexas e que envolvem disputas de sentido entre as narrativas dos meios massivos e a narrativa das redes, tornando necessária a problematização dos cenários de complexidade que desenvolvem-se em circuitos de navegação não-linear e em ambientes que são, ao mesmo tempo, convergentes e divergentes, torna-se preciso perceber como se articulam as polarizações, sobretudo no âmbito social (CARLÓN, 2018).

As realidades contemporâneas tensionam complexificar e problematizar sobre o papel dos algoritmos, por exemplo, na configuração das sociabilidades, na formatação dos desejos, no controle do caminho de navegação dos atores sociais e de seus dados privados. Bonin (2013) reflexiona que vivemos um momento de *transição midiática* despertada pela digitalização e a convergência de mídias. Algo que impulsiona o surgimento de novas lógicas de comunicação, de novas culturas midiáticas e que dissolve a rigidez das fronteiras entre os meios de comunicação.

Dentro dessa discussão, entendemos que problematizar a técnica tensiona analisar até que ponto a convergência dos meios de comunicação tem sido também acompanhada de mudanças sociais, culturais e políticas.

Diante desse necessário movimento de entender configurações históricas e de memória, precisamos compreender que nosso contato com a técnica não advém da internet ou do digital, estabelece-se muito antes disso, sendo basilar, como propõe Ladeira (2016), perpassar por uma genealogia e arqueologia das mídias para observar a evolução, as alterações de práticas e de narrativas e as ressignificações que os meios de comunicação foram sofrendo, assim como os diferentes níveis de midiatização que são observados quando os atores sociais entram em contato com os meios, destacando particularidades de narrativa e de contato.

## Reflexões sobre os processos midiáticos, mediações e a ressignificação técnica: à guisa das considerações finais

As processualidades constitutivas do social, da cultura e da mídia permitem compreender os processos midiáticos sob duas perspectivas fundamentais: rupturas e continuidades. Ao tempo em que alterações técnicas possibilitam novas percepções de espaço, de tempo, de usos e de novas narrativas e mediações que podem ser lidas como rupturas com formatos anteriormente estabelecidos, também são percebidos movimentos de continuidade.

Verón (1997) defende a ideia de que as tecnologias, as técnicas e o social se atravessam e se confrontam mutuamente no sentido de provocar rupturas em visões deterministas e binárias sobre usos/ apropriações, aproximações e contatos com as tecnologias e a técnica. É assim que o autor aduz que precisamos problematizar o determinismo tecnológico a partir da compreensão que os usos sociais da tecnologia são diferenciados e sofrem adaptações desde as particularidades dos contextos em que são acionados.

Nesse sentido, há que se perceber que, um mesmo dispositivo pode impulsionar múltiplas e diversificadas utilizações e pode não provocar alterações nos processos sociais. Os contextos de produção, de recepção e o acesso às mensagens, que também estão ligados aos fatores econômicos, é que influenciam diretamente nos modos de uso e de apropriação das tecnologias e no quanto a midiaticização irá atravessar os atores sociais (VERÓN, 1997).

Com suas gramáticas próprias, cada dispositivo é apropriado de maneiras particulares, tem usos diferenciados e papéis configuradores, narrativas padronizadoras que podem ser negadas pelos atores sociais. Demarcando que, a maneira de se apropriar das gramáticas dos dispositivos é diverso e particular.

O percurso tentativo de construir definições sobre os processos midiáticos requer a compreensão que eles passam pelas engenharias, por rotinas, por ciclos e pelos afetos (FAUSTO NETO, 2017).

Nesse sentido, o modo como os atores sociais usam e se apropriam das mídias está fundamentado num espaço de reconhecimento, de identificação e de visibilização. Reconhecer-se na narrativa do meio faz com que os atores sociais ressignifiquem, apropriem as mídias e tenham a abertura para conviver com outros protocolos implicados

pela agregação da internet, potencializando movimentos de continuidade, não só de rupturas.

Junto às modificações de respostas, apropriações e movimentos circulatorios e constitutivos do processo de comunicação, olhares para o social e para a sua organização frente à antiga estrutura de “um para todos”, precisam ser amadurecidos, refletidos e problematizados. Também carece reflexão os impactos de novas narrativas que quebram estruturas anteriores. Faz-se necessário perceber de modo crítico os movimentos de aproximação e de resistência da sociedade frente a essas novas estruturas, ocasionando diversas apropriações e ressignificações técnicas (FAUSTO NETO, 2017).

As alterações trazidas pela técnica e pelas tecnologias nas narrativas midiáticas e de comunicação precisam ser problematizadas para além das dimensões de produção e de recepção, apenas, mas num sistema terceiro, o de **ressignificação**, do espaço que comporta as disputas de sentido. De colocar as leituras e as navegações em circulação de modo não-linear, e desse processo surgir um elemento novo, capaz de alterar as dinâmicas sociais, técnicas e políticas, assim também como exigindo novas metodologias para a análise dos objetos. (FAUSTO NETO, 2017).

Tal premissa aciona novas análises dos objetos de estudo comunicacionais, de modo a perceber que eles se espalham e dialogam com novos funcionamentos da linguagem, novos modos de situar, de ver e de organizar os símbolos e os signos, o tempo e o espaço, assim também como novos sentidos que são construídos para a técnica e para a tecnologia. (FAUSTO NETO, 2017).

Junto ao que fora levantado, precisamos também problematizar a “*interpenetração dos sistemas*” (LUHMANN, 2005, p. 59-60) não necessariamente convergentes, e os movimentos de tensões e de disputas que os atravessam, percebendo que os processos midiáticos dialogam com sistemas complexos de lógicas e de gramáticas diferentes, em dinâmicas de ordem e desordem que não se fecham nem cessam, mas que estão constantemente organizando-se e desorganizando-se (FAUSTO NETO, 2017).

As relações desenvolvidas entre os sistemas midiáticos e os atores sociais, segundo Fausto Neto (2018) também não podem ser determinadas por serem demarcadas por lógicas e gramáticas diferentes. O conceito de “*interpenetração dos sistemas*” (LUHMANN, 2005), portanto, na visão de Fausto Neto (2018, p. 08), também permite explicar as “complexas configurações das interações na sociedade em midiatização”.

É diante dessas complexas relações de interação social num contexto de midiatização que a técnica e a tecnologia criam novos espaços públicos e com ele, novas

individualidades, subjetividades e formas de comunicar (SODRÉ, 2015). É nesse sentido que nos apoiamos em Ortiz (2008) que ao discorrer sobre as mediações trabalha com a ideia de que elas sejam fundamentais para a existência dos meios, pois sozinhos eles não têm o poder de influência.

## Referências

ABÉLLÈS, M. Internet, globalização, política. In: VERÓN, E.; FAUSTO NETO, A.; HEBERLÊ, A. L. O. (Orgs.) **Pentalógo III: Internet: viagens no espaço e no tempo**. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.

BAEZA, P. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

BAUMAN, Z. **Vigilância líquida: Diálogos com David Lyon**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

BITTENCOURT, M. C. A. A ilusão da convergência pelas barreiras da circulação no Facebook. In: In: MIÈGE, B. et al. (Org.). **Operações de midiatização: das máscaras da convergência às críticas do tecnodeterminismo**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta a sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: **Circuitos versus Campos Sociais**. MATTOS, M. A., JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

BRAGA, J. L. **Vigilância: o alcance do processo e da palavra**. In: CASTRO, P. C. **Vigiar a vigilância: uma questão de saberes?**. Maceió: EDUFAL, 2016.

BONIN, J. A. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. IN: ROSÁRIO, Nísia Martins; Bonin, Jiani Adriana. **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013.

BONIN, J. A. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: Cláudia Peixoto de Moura; Maria Immacolata Vassalo de Lopes. (Org.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. v. p. 213-231.

BONIN, J. A. Dos meios às mediações: chaves epistêmicas, teóricas e metodológicas legadas à pesquisa de recepção In: **Intexto**, Porto Alegre, n.43, p. 59-73, set/dez. 2018.

<http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.59-73>.

CÁDIMA, F. R. Sobre o digital: convergência, divergência, fractura. In: SÁÁGUA, J.; CÁDIMA, F. R. **Comunicação e linguagem: novas convergências**. Livro de homenagem ao Prof. Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa: FCSH, 2015.

CARLÓN, M. Público, privado e íntimo: el caso Chicas Bondi y el conflicto entre derecho a la imagen y libertad de expresión en la circulación contemporánea. In: CASTRO, P. C. **Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?**. Maceió: EDUFAL, 2015.

CARLÓN, M. “En el ojo de la convergencia. Los discursos de los usuarios de Facebook durante la transmisión televisiva de la ley de matrimonio igualitario”, en Las políticas de los internautas. In: **Nuevas formas de participación**. Carlón Mario y Fauto Neto, Antonio (eds.). Buenos Aires: La Crujía, 2012.

CARLÓN, M. **Palestra durante a mesa sobre “Midiatização e Imagem”**, no II Seminário Internacional de Pesquisa em Midiatização e Processos Sociais, Unisinos, São Leopoldo, de 09 a 12 de abril de 2018.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAUSTO NETO, A.; SGORLA, F. A travessia de Fátima Bernardes: “estamos órfãos: o JN não tem mais sentido”. In: OLIVEIRA, I. L.; MARCHIORI, M. (Orgs.). **Comunicação, discurso, organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2013.

FAUSTO NETO, A. **Sobre os processos midiáticos**. Disciplina de Processos midiáticos. PPGCOM Unisinos. 2017. Anotações e reflexões de aulas.

FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. In: **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 30, dezembro, 2018.

FERREIRA, J. **As metamorfoses da circulação: dos fluxos às questões de reconhecimento**. Paper PPGCOM Unisinos. 2017.

FLICHY, P. Internet, um mundo para os amadores. In: FLICHY, P.; FERREIRA, J.; AMARAL, A. (Orgs.). **Redes digitais: um mundo para os amadores**. Novas relações entre mediadores, mediações e midiatização. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

GARCÍA-CANCLINI. N. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da nterculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GOMES, P. G. **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

GOMES, P. G. **Filosofia e Ética da Comunicação na Midiatização da Sociedade.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

HOPENHAYN, M. A cidadania vulnerabilizada na América Latina. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 2, 2013, p. 5-18.

LADEIRA, J. M. Audiovisual, televisão, streaming: uma exploração de suas formas e estratégias. In: MIÈGE, B. et al. (Org.). **Operações de midiatização: das máscaras da convergência às críticas do tecnodeterminismo.** Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

LIVINGSTONE, S. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades online. **MATRIZES**, São Paulo, a. 4, n. 2, jan./jun. 2011.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulus, 2005.

MALDONADO, T. **Memoria y conocimiento: sobre los destinos del saber en la perspectiva digital.** Barcelona: Gedisa, 2007. p. 199-222.

MARTÍN-BARBERO, J. BARCELOS, C. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** v. 23, Nº.1/Jan/jun, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. Razón técnica y razón política: espacios/ tiempos no pensados. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, a. 1, n. 1, jul-dez. 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. **Comunicación y culturas em América Latina.** Revista *Anthropos/Huellas del conocimiento*, Nº 219, 2008 (completo).

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J. Jóvenes entre el palimpsesto y el hipertexto. **Nuevos emprendimientos editoriales**, Barcelona, 2017.

MIÈGE, B. **A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social.** São Paulo: Paulus, 2009.

OLLIVIER, B. Medios y Mediaciones: Comunicación y culturas em América Latina. **Revista Anthropos**, *Huellas del conocimiento*, Nº 219, 2008. P. 121-131.

ORTIZ, R. Caminos de la mediacion: Comunicación y culturas em América Latina. **Revista**



**Anthropos**, Huellas del conocimiento, Nº 219, 2008. P. 132-134.

RODRIGUES, A. D.; BRAGA, A. A. Interação, discurso e espaço público em ambiente digital. In: CASTRO, P. C. (Org.). **Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?**. Maceió: EDUFAL, 2015.

ROSA, A. P. Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Aylan Kurdi e sua constituição em totem. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, jan-mar. 2017.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SODRÉ, M. O socius comunicacional. In: VERÓN, Eliseo; FAUSTO NETO, Antônio; HEBERLÊ, Antonio Luiz O. **Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo**. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013. P. 241-252.

SODRÉ, M. A comunicação eletrônica é epistemóloga. Entrevista de Muniz Sodré concedida à Rafael Grohmann. **Revista Parágrafo**, v. 1, n. 3, p. 120-127, jan-jun. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/289>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

VERÓN, E. Esquema para el analisis de la mediatización. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, 1997.

VIRILLO, P. **La máquina de visión**. Madri: Galilée/Cátedra, 1989. P. 77-98.

### Como citar este artigo

SOUSA, Leila. Processos midiáticos, mediações e as ressignificações da técnica. **Revista Dispositiva**. [on-line] Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva>> Editor Responsável: Conrado Moreira Mendes. Volume 9, Número 15, Belo Horizonte, julho de 2020, p. 100-116. Acesso em “dia/mês/ano”.

**Texto recebido em:** 09/11/2019

**Texto aprovado em:** 11/05/2020